

13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**TEATRO****O TEATRO ENQUANTO OPÇÃO: QUESTIONAMENTOS SOBRE UMA OFICINA DE TEATRO NÃO OBRIGATÓRIA DENTRO DA ESCOLA**

¹ Ivan dos Santos Faria (IC-Unirio)

Orientação: Profa. Dra. Marina Henriques Coutinho

1 - Departamento de Ensino do Teatro; Escola de Teatro; Centro de Letras e Artes; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Apoio Financeiro: Unirio

Palavras-chave: escola; teatro; experiência.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho investiga as peculiaridades de uma oficina livre de teatro situada no âmbito da escola. Essa análise será feita por meio do estudo de caso de uma oficina de teatro que em 2013 completou 10 anos de atividades ininterruptas numa escola regular da rede privada de ensino da cidade de Niterói - RJ. O levantamento histórico, a reflexão da prática e a coleta de relatos referentes a esta oficina buscam ampliar o leque de discussões sobre o espaço e o formato do teatro dentro da escola. A pesquisa aborda o que caracteriza essa Oficina de Teatro e como ela se articula com os outros espaços da escola, em termos físicos, institucionais, administrativos e pedagógicos. Independente do fato do objeto de estudo estar contido no universo da educação privada, o que é central nessa pesquisa é: quais são os mecanismos de sedução, eficiência, luta e permanência do teatro dentro de uma estrutura escolar. Através das variantes específicas a este objeto de estudo, buscamos discutir os espaços e funções oscilantes da pedagogia teatral dentro do espaço da escola tradicional.

OBJETIVO

Investigar o espaço peculiar do objeto de estudo em que a pedagogia teatral ocupa um lugar de não obrigatoriedade dentro da estrutura da escola. Além disso, o trabalho visa refletir os diálogos e possíveis contradições entre uma Oficina de Teatro optativa e a escola tradicional, pautada na obrigatoriedade e na avaliação quantitativa.

METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa qualitativa a respeito das práticas pedagógicas propostas pelos professores que passaram pela oficina ao longo dos dez anos de sua existência, bem como das experiências vividas pelos alunos (aulas, montagens e memórias). Essa análise foi feita a partir de um levantamento de informações baseada em entrevistas, registros de imagens e material audiovisuais. Em paralelo a essa coleta de material foi feita uma pesquisa bibliográfica com foco na temática da educação e de pedagogias teatrais que privilegiam o jogo e o diálogo. Dentro dessa bibliografia foi privilegiada a produção do professor catalão Jorge Larrosa Bondía, da teatróloga norte-americana Viola Spolin e do pedagogo brasileiro Paulo Freire. A última etapa do projeto, ainda em curso, prevê a análise dos dados coletados em relação a bibliografia estudada.

RESULTADOS

A medida que a pesquisa avançava, percebeu-se que era necessário dividir os dados coletados em categorias para que eles fossem analisados. Foram criadas, então, as categorias: tempo, espaço, formação de turmas, remuneração e avaliação. Esses dados ganham uma dimensão bastante interessante quando analisadas sob a luz da bibliografia apontada, principalmente sob a proposição de Bondía de que "pensemos a educação a partir do par experiência/sentido".¹ O autor nos fala que a educação pela experiência não é informação adquirida, ou formação de opinião, mas está mais próxima à ideia de travessia, de algo com capacidade de transformação e formação. Ele também nos fala de elementos que não favorecem a experiência, como o excesso de informação, o excesso de velocidade, a obrigatoriedade de produção/trabalho e de exprimir opinião. Essas circunstâncias impedem o sujeito de se deixar atravessar pelos acontecimentos, inibindo o potencial transformador da experiência. A par desse pensamento, voltemos a olhar para o objeto de estudo.

O tempo destinado às aulas da Oficina de Teatro é de uma ou duas horas, dependendo da série, criando um encontro que é maior do que as aulas da grade, dando mais tempo para que as experiências se efetivem. O espaço onde ocorre a Oficina é distinto das salas de aula tradicionais. É um espaço equipado com elementos que favoreçam a prática teatral (tablado, sistema de luz, cubos e acervo de figurino). Esse local diferenciado estimula os alunos ao trabalho além de pontuar a distinção dessa atividade em relação à escola. Essa distinção fica ainda mais clara quando observamos que a localização da sala se dá em uma das extremidades do terreno da escola, com sinalização precária e acesso restrito (único acesso através de uma escada). Esse panorama nos permite interpretar a atividade da Oficina de Teatro numa situação de periferia. A respeito da composição das turmas, elas são formadas levando em conta faixas etárias e não a série. Essa diretriz permite que alunos de séries e turmas diferentes convivam e construam juntos, trocando experiências. Outro aspecto singular dentro dessa estrutura é que a dedicação (ou falta dela) dos estudantes não é transformada em nota ou conceito. Esse envolvimento não é valorado. O resultado desse processo (se é que podemos pensar em resultado direto quando se fala em educação) não é um boletim, mas um espetáculo que é apresentado aos convidados. Os participantes consideram seu crescimento segundo suas próprias metas e expectativas. Sobre o custo e a remuneração envolvidas na Oficina Livre de Teatro, podemos dizer que apesar de ser um atividade optativa dentro da escola e fora da grade regular de ensino, o custo da Oficina está diluído no custo da mensalidade dos alunos, ou seja, o estudante não paga especificamente por essa atividade, mas usufrui da oficina como parte dos serviços oferecidos pela instituição. Esse panorama, articulado com a realidade das avaliações faz com que o vínculo criado entre os alunos e a Oficina (seus projetos e o professor) seja muito específico. Esse vínculo se dá pelo interesse do aluno na atividade proposta e não na



13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

obrigatoriedade (como nas disciplinas regulares), nem pela relação comercial simbolizada pelo pagamento direto da atividade. Os alunos são livres para se engajar na atividade ou até mesmo para desistir dela, o que por si só já é uma experiência de empoderamento e de construção de uma voz ativa.

¹ BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: Revista Brasileira de Educação. No 19 (jan/fev/mar/abr 2002) – Rio de Janeiro. p 20-28.

CONCLUSÃO

A análise dos dados nos permite concluir que a Oficina Livre de Teatro, que serve de objeto de estudo para essa pesquisa, configura um espaço privilegiado para a construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: Revista Brasileira de Educação. No 19 (jan/fev/mar/abr 2002) – Rio de Janeiro. p 20-28.
- DESGRANGES, Flávio. A pedagogia do teatro: provocação e dialogismo. 2ª Edição. São Paulo: HUCITEC, 2010.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- KOUDELA, Ingrid Dormien. Jogos Teatrais. 11ª Edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.
- PUPPO, Maria Lúcia de Souza Barros. Dentro ou fora da escola? In: Urdimento – Programa de Pós-Graduação em Teatro. Revista de Estudos em Artes Cênicas. Universidade do Estado de Santa Catarina. Vol 1, no.10 (dez 2008) – Florianópolis: UDESC/CEART. p. 59-64.
- RYNGAERT, Jean-Pierre. Jogar, representar. São Paulo: COSACNAIFY, 2009.
- SPOLIN, Viola. Improvisação para o teatro. 5ª Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010.